

RUA FLORIANO DE CAMARGO PENTEADO

Decreto nº 92 de 13-03-1945

Decreto nº 94 de 16-05-1945

Decreto-lei nº 311 de 15-11-1945

Formada pelas ruas 1 e 5 da Chácara Vieira

Início na avenida da Saudade

Término na rua José Bustamante de Camargo

Chácara Vieira

Bairro da Ponte Preta

Obs.: O decreto 94/45 revogou o de nº 92/45 e ambos foram assinados pelo Prefeito, em comissão, Perseu Leite de Barros e o decreto-lei nº 311/45 foi assinado pelo Prefeito Joaquim de Castro Tibiriçá. Aprovado pela Resolução nº 2069 de 1945 do Conselho Administrativo.

FLORIANO DE CAMARGO PENTEADO

Pelo belíssimo trabalho realizado pela Comissão Especial do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas, constituída do dr. Celso da Silveira Rezende, professor Celso Ferraz de Camargo e historiador João Baptista de Sá (Jolumá Brito), sabe-se que Floriano de Camargo Penteado nasceu na Vila de Nossa Senhora de Monte Serrate, da Cotia, provavelmente entre 1763 e 1768 e faleceu na Vila de São Carlos (Campinas), em 12-fevereiro-1838. Era filho do Capitão José de Camargo Pais e de d. Barbara Paes de Barros. Foi casado duas vezes: a primeira na Vila de Parnaíba, em 1791, com Paula Joaquina de Andrade, tendo tido desse casamento 12 filhos; a segunda vez, casou-se com Delfina de Camargo Penteado, sua sobrinha, de quem não teve descendência. Era sargento-mor desde 1804 e teve sua patente de capitão mor agregado da Vila de São Carlos, confirmada em 12-janeiro-1819. Floriano foi alferes da 2a. Companhia de Ordenanças da Freguesia de São Roque. Ao que se apurou, já residia na Freguesia de Nossa Senhora da Conceição (Campinas), antes de ser elevada à Vila de São Carlos, haja vistas seu nome haver figurado, juntamente com o de seu pai e de seu irmão Antonio, na lista dos "homens bons", de 1797, que podiam desempenhar cargos municipais. Foi Juiz Ordinário em 1806 e 1809. Foi homem riquíssimo na ocasião, possuidor de 12 engenhos de açúcar. Sua sesmaria, ao tempo em que era alferes, foi concedida em condomínio com d. Ana de Campos, João Leite de Camargo Penteado, José Inácio de Camargo Penteado e Barbara de Campos, na Ponte Alta (hoje Fazenda Monte D'Este, entre Campinas e Mogi Mirim), em 20-novembro-1798. Teve importante participação na construção da Matriz Nova (Catedral) fazendo parte da assembléia de fundação da Matriz Nova, sntesoureiro de seu Diretório e mais tarde Coletor-esmóler. Nos agitados dias de 1822, quando da Independência do Brasil, o Capitão Mor Floriano de Camargo Penteado presidiu a uma das sessões da Câmara da Vila de São Carlos, e tomou parte nas celebrações da aclamação de D. Pedro I, em 12-outubro-1822 e foi um dos signatários do respectivo termo.



Decreto N. 94, de 1945

REVOGANDO O DECRETO N. 92, DE 13 DE MARÇO DE 1945

O Prefeito Municipal de Campinas, usando da atribuição que lhe confere o art. 12, n. III, do decreto-lei federal n. 1.202, de 8 de abril de 1939,

D E C R E T A :

Art. 1.º — Fica revogado o decreto n. 92, de 13 de março de 1945.

Art. 2.º — Este decreto entrará em vigor na data de sua publicação.

Paço Municipal de Campinas, aos 16 de maio de 1945.

P. LEITE DE BARROS

Prefeito Municipal, em Comissão

Publicado na Diretoria do Expediente da Prefeitura Municipal, em 16 de maio de 1945.

O Diretor,
ADMAR MAIA



Decreto-Lei N. 311

DA DENOMINAÇÃO A LOGRADOUROS PÚBLICOS

O Prefeito Municipal de Campinas, usando da atribuição que lhe confere o art. 12, n. I, do decreto-lei federal n. 1.202, de 5 de abril de 1939, DECRETA:

Art. 1.º — Passam a denominar-se, pela forma abaixo indicado, as seguintes ruas, avenidas e praças públicas constantes da respectiva planta rubricada pelo Prefeito, a saber:

RUA BARÃO DE PARANAPANEMA — antiga rua conhecida como Estrada da Baronesa, da Vila dos Jequitibás, que começa na Rua Dr. Moraes Sales e termina na Rua Proença;

RUA LUIZ DALINCOURT — antiga Rua Seis, da Vila dos Jequitibás, que começa na Rua Proença e termina na Rua Alfa, da Vila Isabel;

RUA SAINT HILAIRE — antiga Rua Cinco, da Vila dos Jequitibás, que começa na Rua Proença e termina na Rua Alfa, da Vila Isabel;

RUA SILVA MANSO — antiga Rua Quatro, da Vila dos Jequitibás, que começa na Rua Proença e termina na Rua Alfa, da Vila Isabel;

RUA TENENTE GONÇALVES MEIRA — antiga Rua Dois, da Vila dos Jequitibás, que começa na Rua Proença e termina na Rua Uruguaiana;

RUA BARÃO DE ANHUMAS — antiga Rua Um, da Vila dos Jequitibás, que começa na Rua Proença e termina na Rua Uruguaiana;

RUA DIGNA OLÍVIA PENTEADO — antiga rua conhecida como Travessa da Saúde, que começa na Praça Voluntários de 32 e termina na Rua Abolição;

RUA SILVA PONTES — antiga Rua Dois, da Vila Marieta, que começa na Rua Sales Leme e termina junto à divisa dos terrenos do antigo Hospital de Isolamento;

RUA HIPÓLITO DA SILVA — antiga Rua Um, da Vila Marieta, que começa na Rua Dr. Botim e termina na divisa dos terrenos de propriedade de José Penteado;

RUA MORAIS NAVARRO — antiga Rua Cinco, da Vila Marieta, que começa na Rua Seis, da mesma vila, e termina na rua conhecido como Raulfo Sales;

RUA ALVARO VILACELIN — antiga Rua Quatro, da Vila Marieta, que começa na Rua Moraes Navarro (antiga Rua Cinco), e termina na rua conhecida como Raulfo Sales;

RUA FLORIANO CAMARGO PENTEADO — antiga Rua Cinco, da Chácara Vieira, que começa na Avenida da Saúde e termina na Rua Abolição;

RUA GENERAL LAURO SODRE — rua sem denominação, da Chácara Árvore Grande, que começa no córrego e, seguindo paralelamente ao prolongamento da Rua João Teodoro, termina na divisa da mesma chácara;

RUA FRANCISCO DE ASSIS PUPO — rua sem denominação, da Chácara Árvore Grande, que começa no córrego e, seguindo paralelamente ao prolongamento da Rua João Teodoro, após uma curva, à esquerda, termina nessa mesma rua;

RUA CADETE JOÃO TEIXEIRA — antiga Rua Quatro, da Vila Teixeira, que começa junto ao leito da Estrada de Ferro Sorocabana, abaixo da Rua Joaquim Vilac, e termina na divisa da vila do mesmo nome;

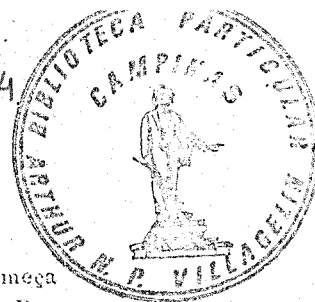
RUA CORONEL JOAQUIM MONTEIRO — antiga Rua Cinco, da Vila Teixeira, que começa na Rua Joaquim Vilac e termina na divisa da mesma vila;

RUA JANUÁRIO DE OLIVEIRA — antiga Rua Dois, da Vila Teixeira, que começa junto ao leito da Estrada de Ferro Sorocabana, acima da Rua Cadete João Teixeira (antiga Rua Quatro) e termina na Rua Joaquim Vilac;

RUA MAJOR LUCIANO TEIXEIRA — rua sem denominação, que começa na Rua General Bento Bicudo e, seguindo em direção normal a esta, termina na Rua Governador Pedro de Toledo, próximo à Rua do Café;

RUA PADRE CAMARGO LACERDA (Padre Abel) — antiga Rua Cinquenta e Sete, do Bonfim, que começa no leito da Estrada de Ferro Mogiana e, seguindo paralelamente à Rua Emilio Henking, termina na Rua Circular Quatro, do Jardim Chapadão;

RUA DR. SALVADOR PENTEADO — antiga Rua Cinquenta e Oito, do Bonfim, que começa no leito da Estrada de Ferro Mogiana e, seguindo paralelamente à Rua Padre Camargo Lacerda (antiga Rua Cinquenta e Sete), termina na Rua Rafael Sales;



Decreto-Lei nº 311 de 13-11-1945 - Fls. 2

RUA ESPANHA — antiga Rua Cento e Dez, do Bonfim, que começa no leito da Estrada de Ferro Mogiana e, seguindo paralelamente à Rua Dr. Salvador Penteado (antiga Rua Cinquenta e Oito), termina na Rua Alberto Sarmiento;

RUA ITÁLIA — antiga Rua Cento e Vinte e Nove, do Bonfim, que começa na divisa dos terrenos onde está situada a máquina de algodão de propriedade de Rafael & Cia. e, seguindo paralelamente à Rua Espanha (antiga Rua Cento e Dez), termina na Rua Germânia;

RUA DAS PALMEIRAS — antiga rua conhecida como Travessa Sorocabana, do Bonfim, que começa na Avenida Pedro de Toledo e termina na rua conhecida como Avenida Sorocabana;

AVENIDA FRANCISCO ELISIÁRIO — avenida sem denominação, conhecida como Avenida Sorocabana, do Bonfim, que começa na Rua Pereira Lima, junto à passagem superior da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro e, seguindo paralelamente à Avenida Governador Pedro de Toledo, termina na divisa dos terrenos onde está situada a Fábrica João Jorge;

RUA REVERENDO EDUARDO LANE — antiga Rua Cento e Cinco, da Vila Nova, que começa na Rua Carolina Florence e termina na Rua Buarque de Macedo;

RUA CONSELHEIRO ANTONIO PRADO — antiga rua conhecida como Quinta Travessa, da Vila Nova, que começa na rua conhecida como Avenida Maria Lins e, seguindo em direção normal a esta, termina na divisa dos terrenos onde está situada a Estação da Rádio Difusora de Campinas;

RUA DONA ANA GONZAGA — antiga Rua Setenta e Sete, do Guanabara, que começa na Rua Paula Bueno e, seguindo em direção normal a esta, termina nas proximidades do Canal do Saneamento;

RUA CAPITÃO FRANCISCO DE PAULA — antiga Rua Cento e Sete, do Cambuí, que começa na Rua Emília Ribas, abaixo da Rua Santo Antônio e, seguindo paralelamente a esta, termina no Córrego Proença (Avenida Perimetral);

RUA COMENDADOR TORLOGO DAUNTRE — antiga Rua Um, da Vila Cambuí, que começa na Rua Barreto Lema e termina na praça de retórno;

RUA DOS ALECRINS — antiga Rua Vinte e Um, que começa na Rua Diogo Prado e, seguindo paralelamente à Rua Santo Antônio, termina no Córrego Proença (Avenida Perimetral);

RUA CARLOS KAYSER — antiga Travessa A, do arruamento Mário Sidow, que começa na Rua Coronel Quirino e termina na Rua Maria Monteiro;

RUA LUIZ SILVÉRIO — antiga Rua Sete, da Vila Marieta, que começa na rua conhecida como Ranulfo Sales e termina na Vila Paraíso;

RUA JOÃO EGÍDIO — antiga Rua Dez, da Vila Marieta, que começa na Rua Sales Leme e termina na Avenida Washington Luiz;

RUA LEOPOLDO AMARAL — antiga Rua Ranulfo Sales, da Vila Marieta, que começa na Rua Sales Leme e termina na Rua Dr. Betim;

RUA PADRE BERNARDO DA SILVA — antiga Rua Um, do arruamento São Bernardo, que começa na Rua Dois e termina na linha de transmissão da Companhia Paulista;

RUA PROFESSOR ADALBERTO NASCIMENTO — antiga Rua Três, do arruamento São Bernardo, que começa na Rua Dois e termina na linha de transmissão da Companhia Paulista;

RUA ELIAS LOBO NETO — antiga Rua Cinco, do arruamento São Bernardo, que começa na Rua Dois e termina na linha de transmissão da Companhia Paulista;

RUA ARNALDO BARRETO — antiga Rua Sete, do arruamento São Bernardo, que começa na Rua Dois e termina na linha de transmissão da Companhia Paulista;

RUA DR. PINTO FERRAZ — antiga Rua Nove, do arruamento São Bernardo, que começa na Rua Dois e termina na linha de transmissão da Companhia Paulista;

RUA DR. BENIGNO RIBEIRO — antiga Rua Quatorze, do arruamento São Bernardo, que começa na Estrada de Vira Copos e termina no valo divisório do arruamento;

RUA PAULO LACERDA — Antiga Rua Doze, do arruamento São Bernardo, que começa na Estrada de Vira Copos e termina no valo divisório;

RUA DR. ALVES DO BANHO — antiga Rua Dez, do arruamento São Bernardo, que começa na Estrada de Vira Copos e termina no valo divisório;

RUA DR. CASSIANO GONZAGA — antiga Rua Oito, do arruamento São Bernardo, que começa na Estrada de Vira Copos e termina no valo divisório;



Decreto-Lei nº 311 de 13-11-1945 - Fls. 3

RUA DR. LAS CASAS DOS SANTOS — antiga Rua Seis, do arruamento São Bernardo, que começa na Estrada de Vira Copos e termina no valo divisório;

RUA DR. FRANCISCO POMPEU — antiga Rua Quatro, do arruamento São Bernardo, que começa na Estrada de Vira Copos e termina no valo divisório;

RUA IMPERATRIZ LEOPOLDINA — antiga Avenida Maria Lins, (denominação popular), que começa na Rua Carolina Florence e termina na Avenida Brasil (Estrada dos Amarais);

RUA JOAQUIM GOMES PINTO — antiga Rua Beta, da Vila Progresso, que começa na Rua Coronel Quirino e termina na praça de retorno;

RUA BERNARDINO DE SEÑA — antiga Rua Um, da Vila Gagliardi que começa na Avenida da Saúde e termina na Rua Abolição;

RUA CAPITÃO FELIPE NERI — antiga Rua Dois, da Vila Gagliardi, que começa na Rua Bernardino de Sena e termina na praça de retorno;

RUA PADRE ANTÔNIO JOAQUIM — antiga Travessa Santa Teresinha (denominação popular), que começa na Rua Uruguaiana e termina na Rua Proença;

RUA DONA MARIA UMBELINA COUTO — antigo prolongamento da Rua Tiradentes, que começa na cerca da Companhia Mogiana, em continuação a Rua Tiradentes, e termina na divisa dos terrenos do Liceu Nossa Senhora Auxiliadora;

RUA COMENDADOR QUERUBIM URIEL — antiga Rua Quatro, do arruamento Bueno de Miranda, que começa na Avenida Silva Teles e termina na Avenida Orosimbo Maia;

RUA PADRE JOSÉ TEIXEIRA — a travessa da Vila Maria Ercília, que começa na Rua Barreto Leme e termina na Rua Benjamin Constant;

RUA PEDRO ALVARES CABRAL — antiga Rua Alfa, da Vila Isabel, que começa na Rua Uruguaiana e termina na Rua General Marcondes Saigado;

PRAÇA JOAQUIM TEIXEIRA — a praça formada pela influência da Rua Paula Bueno e Estradas de Anhumas e Mogi-Mirim;

PRAÇA COMENDADOR SOARES — antiga Praça Proença;

RUA IRMÃ ANA JUSTINA — antiga Rua Guedes Barreto (ato n. 25, de 29 de junho de 1931);

RUA CONSELHEIRO GOMIDE — antiga Rua Correia de Lemos (ato de 7 de novembro de 1903);

RUA DONA JOSEFINA SARMENTO — antiga Travessa Maria Monteiro (ato n. 25, de 29 de junho de 1931);

LARGO DAS ANEORINHAS — antiga Praça Heitor Penteado (resolução n. 707, de 8 de março de 1923);

PRAÇA DR. HEITOR PENTEADO — a praça inicial da futura Avenida Dr. Campos Sales, no cruzamento dessa avenida com as de Ligação e Rua Onze de Agosto;

PRAÇA DONA JÚLIA LOPES — o trecho da Praça Ramos de Azevedo, compreendido entre as Ruas Marquês de Três Rios, Saldaanha Marinho e Dr. Silveira Lopes;

RUA IRMÃOS BIERREMBACH — antiga travessa do mesmo nome (edital de 12 de setembro de 1927);

RUA ALFERES PAULA NOGUEIRA — rua conhecida como Travessa Irmãos Bierrembach, que começa na Rua Irmãos Bierrembach e termina na Rua Olavo Bilac;

RUA DIOGO PRADO — antiga Rua Dioguinho (ato n. 25, de 29 de junho de 1931).

Art. 2.º — Este decreto-lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Paço Municipal de Campinas, aos 13 de novembro de 1945.

JOAQUIM DE CASTRO TIBIRIÇA

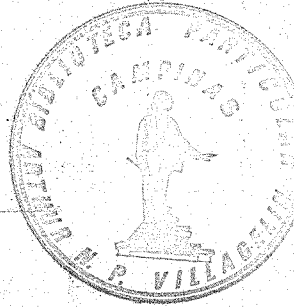
Prefeito Municipal

Publicado na Diretoria do Expediente da Prefeitura Municipal, em 13 de novembro de 1945.

O Diretor,

ADMAR MAIA

(Aprovado pela resolução n. 2.069, de 1945, do Conselho Administrativo).



FLORIANO DE CAMARGO PENTEADO

FLORIANO DE CAMARGO PENTEADO — o cético juntamente com João Francisco de Andrade teve uma vida de destaque em Campinas. Foi êle o fundador, dentre outras, da propriedade das Cabras, mais ou menos no terceiro quartel do seculo XVIII, conformê escrevemos no primeiro volume.

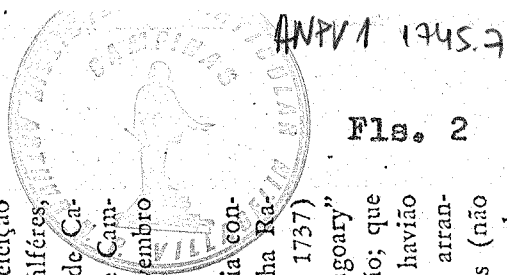
Era êle filho do Capitão José de Camargo Pais e de d. Barbara Pais de Barros. Nasceu na Vila de N. S. de Monte Serrate, da Cotia, provávelmente entre 1768 e 1763. Casou-se o capitão por duas vêzes; a primeira na Vila de Parnaíba, em 1791, com d. Paula Joaquina de Andrade, irmã de João Francisco de Andrade, tendo tido filhos dêsse casamento e que foram: 1.º — Ajudante Alvaro Xavier de Camargo e Silva, que se casou com dona Maria Brandina, filha do coronel Francisco Egidio de Sousa Aranha e d. Maria Luiza, Viscondessa de Campinas, que tiveram: a) Francisco Alvaro casado com d. Maria Lopes, filha dos Viscondes de São Valentim, sem geração; d. Alda Brandina, casada com o Coronel José Teixeira Nogueira, sem geração; Elisario Alvaro casado com d. Ana Duarte, filha do Capitão Joaquim Carlos Duarte e de d. Ana Francisca de Andrade, com geração; Floriano Alvaro, casado com Brazilina Engler Barbosa, filha do tenente Antonio Corrêa Barbosa e de d. Ana Carolina Engler, sem geração; Candido Alvaro casado com d. Maria, filha de Inácio do Amaral Lapa e de d. Petronilha Egidio de Sousa Aranha, com geração; Antônio Alvaro, casado com d. Olimpia, irmã de Maria, que a precedeu, com geração; d. Paula Joaquina, casada com Antônio Carlos, filho de José Teixeira Nogueira e de d. Ana Eufrosina de Almeida, com geração; d. Maria, casada com José Bicudo de Almeida, filha de João Bicudo e de d. Maria Tereza Alves Nogueira, com geração; Alvaro, solteiro; d. Ana Brandina casada com o alferes Afonso Bueno de Andrade, filho do Capitão Camilo Xavier Bueno da Silveira e de d. Francisca de Camargo Andrade, com geração; José Alvaro, casado com d. Luiza, filha de Antônio de Sam Paio Peixoto e de d. Eliza da Silva, com geração; Joaquim Alvaro, casado com d. Branca de Mendonça Doque, fi-

lha de Izidoro Marques Coutinho e de d. Maria Doque, sem geração; 2.º — Capitão Francisco de Camargo Andrade. 3.º — sargento mor Elisiário casado com d. Joaquina de Camargo Campos, filha de Antônio de Camargo Penteadado e de d. Ana de Arruda Campos, tiveram filhos; a) Abílio, casado primeiramente com d. Maria Luiza de Campos, filha de José Ferraz de Campos, Barão de Cascalho e de d. Umbelina de Camargo, filha de Antônio de Camargo Penteadado e sua segunda esposa d. Francisca, filha de Francisco de Andrade, com geração dos dois casamentos; Floriano, casado com d. Carolina, filha do tenente Francisco Antônio de Camargo e de d. Ana de Campos Pais, com geração; José, casado com d. Delfina Ferreira, filha de Joaquim Ferreira Penteadado, Barão de Itatiba e de d. Francisca Paula de Camargo, com geração; Francisco Elisiário casado com sua sobrinha d. Maria Francisca, filha de José de Camargo Penteadado e de d. Delfina Ferreira Penteadado, sem geração; Emílio, faleceu na infância; Manoel Carlos, faleceu solteiro; Estansiú, faleceu solteiro; Joaquim; Francisca de Paula, casada com José Bonifácio, Barão de Monte Mór, filho de José Ferraz de Campos, Barão de Cascalho, sem geração; Maria Miqulina, casada com Francisco Antônio de Andrade; d. Ana Luiza, foi casada com José de Souza Siqueira, primeiro casamento, filho de Bernardo de Sampaio e de d. Carolina de Sousa e da segunda vez convolveu núpcias com João Candido do Amaral, com geração do primeiro; Carolina, casada com Luciano, filho de Luciano Teixeira Nogueira e de d. Francisca de Paula Ferraz, com geração; Antônio, faleceu solteiro; José, tenente-coronel, foi casado com d. Maria Amália, filha do capitão Francisco Antônio de Araujo e de d. Francisca Miqulina de Macedo, com geração; Francisca, solteira; Joaquim, solteiro; Floriano, solteiro; Alvaro Xavier casado com d. Amália de Toledo, filha de Antônio Elias de Toledo Lima, com geração; 5.º — Candido José da Silva Serra, casado com d. Maria Eleutéria de Campos, filha de José Campos Penteadado e de d. Rita Antônia da Silva Serra, tiveram: José, casado com Maria Eleutéria, filha de José de Campos Penteadado e d. Rita Antônia, com geração; Floriano, casou; Joaquim casado com d. Tereza; Antônio casado, primeiro com Candida, filha de Antônio da Silveira Penteadado e de d. Ana Carolina, da segunda vez com Candida de Barros e... (?) Francisco, solteiro; Candido, solteiro; d. Ana casada com Elias Eufrásio de Arruda Mendes; Nhandá, filha de Manoel Ferraz de Camargo e de d. Leocádia da Rocha; d. Paula Joaquina de Andrade, casada com José de Campos Penteadado, e, outro de igual nome e de d. Rita Antônia, com geração; d. Bárbara Pais de Barros, casada com Francisco de Campos Andrade, filho de José de Campos e de d. Rita Antônia, com geração; Candida casada com Fernando Teixeira

e dona Maria de Amaral; Luiz casado com d. Amelia de Castro, filha de José Manoel de Castro; d. Rita, casada com Antônio de Camargo Campos, filho de José de Campos Penteadado e de d. Rita Antônia, sem geração; Francisco de Paula, casado com Joaquim Ferreira Penteadado, Barão de Itatiba; filho de Inácio Ferreira de Sá e de d. Delfina de Camargo Penteadado, com geração; d. Rita Antônia, que foi a primeira mulher de José de Campos Penteadado, com geração; Antônio Francisco, tenente, casado com d. Ana de Campos Pais, filha de Antônio de Camargo Penteadado e de d. Ana de Arruda Campos, com geração; d. Bárbara Paes de Barros, solteira; d. Alda Brandaína, solteira; Felipe Néri casado com d. Teolinda Ferraz, com geração.

Da segunda vez o capitão mor agregado casou-se com d. Delfina de Camargo Penteadado, sua sobrinha, de quem não teve descendência. Floriano de Camargo Penteadado já morava na freguesia antes desta ser elevada à Vila, conforme asseveramos, e seu nome figura na lista dos "homens bons", de 1797, que podiam desempenhar cargo municipais. Na verdade foi eleito Juiz Ordinário em 1806; em 1818, quando pediu demissão desse cargo, foi substituído pelo alferes Miguel Ribeiro de Camargo (em 25 de janeiro); em 1809, teve nesta última legislatura a "carta de confirmação" e usansa verificada em São Paulo, pelo Ouvidor Geral, dr. Miguel Antônio de Azevedo Veiga. Floriano, que já era sargento mor, conforme conhecemos, foi nomeado capitão mor agregado da Vila de São Carlos, somente em 1820, quando o efetivo já estava com 16 anos de continuado exercício e ainda não permaneceu por mais oito anos, tendo sido o segundo nome apontado também no documento que divulgamos linhas atrás, na forma da eleição da Câmara Municipal. Sua sesmaria, ao tempo em que era elle alferes, foi concedida em condomínio com d. Ana de Campos, João Leite de Camargo Penteadado, José Inácio de Camargo Penteadado e d. Barbara de Campos, na Ponte Alta, (hoje fazenda Monte D'Este), em 20 de novembro de 1798.

Em autos que encontramos verificamos ter tido uma questão séria contra Rafael Lopes de Moraes, quando alegava que "Antônio da Cunha Raposo Leme (sesmaria no Jaguarí concedida em 12 de Outubro de 1737) tirara em seu nome huma sesmaria no certão, entre o "Tibaya" e "Jagoary" e depois dela fez cessão ao Brigadeiro Joaquim José da Costa Gavião; que quando aquele citado Capitão Antonio da Cunha tirou a sesmaria já haviam pessoas de José Corrêa Marques e de Clemente Pinto do Prado ali arranchados e que o brigadeiro Costa Gavião comprou ambas as posses (não eram, portanto, sesmarias legalizadas). Na primeira levantou Engenho de Açúcar e na segunda estabeleceu fazenda de criar. Nesta lhe poz o



ANP V 1945 7

título de fazenda das Cabras e naquela de Engenho de Nossa Senhora da Conceição do Sertão (fazenda do Sertão, atual — 1956), e que foram vendidas posteriormente a êle Capitão mor Floriano.”

Em 1808 produzia sua propriedade 2.500 arrôbas de açúcar; 200 canadas de “caxaça”; possuía 50 escravos e em 1813 tinha noventa escravos e a produção de açúcar não excedia áquele número. Em 1812 estavam em sua companhia Anna de Campos, com 16 anos; Joaquina, com 15; Ana, com 13; Maria, com 11; Manoel, com 9 anos; tinha seis agregados; 38 escravos, 1.550 arrôbas de açúcar era sua produção; 360 canadas de aguardente; 900 alqueires de milho; 150 de feijão; 50 de arroz, 200 de amendoin e 50 de trigo.

Como se sabe, sua primeira mulher d. Paula era filha do sargento mor Antônio Francisco de Andrade, português e d. Rita Antonia, filha do sargento mor de Parnaíba Simão Francisco Serra, natural de Portugal e d. Maria de Almeida, natural de Parnaíba e por esta neta de d. Paula e de d. Isabel de Almeida. Delfina, sua segunda mulher, era viúva do capitão Inácio Ferreira de Sá; de seu segundo casamento com João Novais Dias, filho do capitão Joaquim de Camargo Penteado e de d. Maria Luzia de Almeida Pinto, foram moradores em São Roque. Sem geração desta segunda mulher teve os doze filhos referidos do primeiro enlace matrimonial.

Seu nome, além de relatado na lista do Padre Joaquim José Gomes aparece também no recenseamento de 1792, no pôsto de alferes da 2.ª Companhia de Ordenanças da Freguesia de São Roque, contando “29” anos? sua mulher d. Paula, com 17 anos. Possuia, então, oito escravos e morava no bairro da Ponte Alta, onde sua sesmaria foi confirmada em 1798. Em 1793 nasceu sua filha Rita. Em 1795 tinha 13 escravos e no recenseamento de 1797 os filhos: Rita, com 4 anos; Elisiário, com 3 anos; Ana, com 2 anos e Bárbara, com 1 ano. Possuia 15 escravos. Nêsse ano assinou a petição que conhecemos. Em 1798 era Senhor de Engenho, tendo sido sua safra de 155 arrôbas de açúcar, enviada para Santos; plantava mantimentos para sua casa e possuía 24 escravos. Em 1799 produzia 800 arrobas de açúcar, 100 alqueires de milho e 50 de feijão, que plantava para sua casa; nêsse ano nasceu seu filho Francisco José, mais tarde o famoso “capitão Chico”; em 1800 sua produção atingia a 1.450 arrôbas de açúcar, 300 alqueires de milho, 25 de feijão e possuía 29 escravos; em 1803 — 1.000 arrôbas de açúcar, 500 alqueires de milho; 80 de feijão, 20 de arroz, 100 canadas de aguardente; tinha 26 escravos. Em 1804, quando já ocupava como dissemos o cargo de sargento mor, sua produção atingiu ao total já registrado linhas atrás. Em 1806 foi eleito Juiz Ordinário da Vila. e além

dos filhos citados, foram recenseados: Antônio, com 7 anos; José, com 6; Alda Brandina, com 5; Alvaro, com 3 e Candido com 2 anos; em 1807 produziu 200 canadas de aguardente. No ano seguinte, católico e zimolér como sempre foi, tendo em seu testamento feito doação de dinheiro á Matriz Velha (2.º volume), muito se dedicou ao desenvolvimento do templo da Matriz Nova, atual Catedral. Assim, fez êle parte da assembléia da fundação desse templo católico, a 6 de outubro de 1807, em que tomaram parte para mais de 38 homens notáveis da Vila de S. Carlos e que foi presidida pelo Ouvidor Geral da Comarca de São Paulo (a que a Vila então pertencia), dr. Miguel Antônio de Azevedo Veiga. Em 1812, na sessão da Câmara em 17 de dezembro, foi nomeado para o cargo de tesoureiro do Diretório da matriz em construção, na vaga aberta com a ascensão do tenente coronel Joaquim Aranha Barreto de Camargo á presidente do mesmo diretório, logo após o falecimento do capitão Felipe Neri Teixeira, seu primeiro presidente.

Em 1809 nascia sua filha de nome Francisca — que chegou a ser batizada “in-extremis” pelo padre Diogo Antônio Feijó, morador nêsse ano na Vila e, resistindo’ela a doença que quase a aniquilára, foi mais tarde a Baroneza de Itatiba. Nêsse ano também Floriano foi eleito Juiz Ordinário. Em 1813 sua produção atingia a 3.000 arrôbas de açúcar; 500 canadas de aguardente e possuía 92 escravos. No ano de 1819, quando o engenheiro francês Saint Hilaire esteve em Campinas chamou-o de “grande torrão de Anhumas”, onde chegára a produzir com dois engenhos 8.000 arrôbas de açúcar por ano! Torna-se, então, no mesmo ano, mais familiar do viajante que, em 23 de outubro jantou em sua residência, que era onde se levanta hoje (1956), a Caixa de Aposentadoria e Pensões da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro. (Rua Barreto Leme).

Aliás, registra-se na justificativa que se fez em 1944, pela comissão de história do “Centro de Ciências, Letras e Artes”, de que fizeram parte o doutor Celso da Silveira Rezende e o professor Celso Ferraz de Camargo, além do autor desta história que quando Saint Hilaire fôra convidado para jantar no dia seguinte áquele em que após chegára, o ilustre visitante não declinou o nome do capitão mor, que nessa data, era evidentemente, João Francisco de Andrade, porquanto o sargento mor Floriano sómente foi agregado ao cargo em 1820. Entretanto *os outros*, vem correndo, como tradição de família, que o visitado foi Floriano de Camargo Penteado e não João Francisco de Andrade. Mas a casa que Saint Hilaire viu e descreveu, ficava atrás da Matriz Velha e pertenceu ao falecido Manoel de Moraes (1944), onde hoje existe a Caixa de Pensão referida.

Por ocasião dos sucessos da Independência do Brasil, nos agitados dias de 1822, o capitão mor agregado presidiu uma das sessões da Câmara Municipal. Tomou elle, igualmente, parte na celebração e acimação de D. Pedro I, realizada na Matriz Velha, em outubro de 1822 e foi dos signatários do respectivo termo. Quando Louis D'Alincourt também esteve em Campinas era Floriano possuidor de 12 Engenhos de açúcar, com uma produção, já agora denunciada como sendo de 80.000 arrobas!

Perdoem-me senhoras, mas a história, como as mulheres, parece que sempre variam...

Contam-se fatos curiosos e interessantes da vida da família do capitão mor Floriano, curiosas sem se tornarem ofensivas á moral.

Por exemplo, quando em 1830 Joaquim Ferreira Penteado, futuro Barão de Itatiba foi pedir a mão de sua prima d. Francisca, com quem se casou em 15 de maio daquêle anno, fez o pedido respeitosaente, depois de muitos rodeios e rapapés, como, aliás era de tradição. E, vira-se o capitão mor Floriano, que estaria com 67 anos de idade e lhe diz quase á queima roupa: "Arranje-me sua mãe para casar comigo que dar-lhe-ei minha filha em casamento!"

E de fato, isso aconteceu e realizaram-se os dois casamentos no mesmo dia, com geral contentamento e grandiosas festas. A esposa de Floriano, que se casava pela terceira vez, estava com 40 anos.

Sua patente de capitão mor agregado foi confirmada em 12 de janeiro de 1819, por carta patente expedida no reinado de D. João VI; sua primeira carta patente, no posto de sargento mor, expedida no Governo de Antônimo José de Franca e Horta trazia a data de 12 de março de 1804, renovada e confirmada ainda por D. João VI em 28 de julho de 1806.

A casa de moradia que Saint Hilaire descreveu, como pertencente ao capitão mor agregado era "com a sala de visitas caída até ao fórtro, de madeira e havia em volta deste um cordão de flores pintadas. A meia altura da parede via-se um barrado."

Em 1827, quando os "notaveis" da Vila se reuniram para reiniciar as obras da Matriz Nova, que caminhavam vagarosamente e estavam quase paralisadas nesse anno, o capitão mor agregado foi nomeado "coletor-escolôr", juntamente com o capitão Francisco de Paula Camargo e Antônimo Pombo de Camargo.

Agora, das pessoas de sua família, mais de acôrdo com a história, vamos destacar:

O capitão Francisco José de Camargo Andrade, que se casou três vezes: em São Roque com d. Ana Custodia Novais; depois com d. Maria de Camargo Andrade e seguidamente com d. Maria Luiza Nogueira ou Nogueira de Camargo; foi homem de grande fortuna e largas posses. Teve uma filha de nome Olivia de Paula Nogueira de Camargo que, em 8 de janeiro de 1882 casou-se com Herculano Pompêo de Camargo, filha do segundo matrimônio, servindo de testemunhas Dario Pompêo de Camargo e Elói Pompêo de Camargo.

Exerceu elle vários emprêgos públicos e informava, em 15 de agosto de 1838, estava com 40 anos, era lavrador e "possuia renda que não calculava a quanto montava na época, porque não lhe era possível enumerar-la" — declaração feita á Câmara. Foi procurador das obras da Matriz Nova, quando substituiu Luciano Teixeira Nogueira, que se retirou do cargo que exerceu durante vários annos.

Seu neto Antônio Ferreira de Camargo Andrade, foi proprietário da Fazenda Sete Quedas; por intermédio de um de seus descendentes fiquei sabendo o seguinte respeito aos originaes títulos das fazenda "7 Fogões" e "7 Quedas", situadas nas proximidades de Jaguari. Disse-me elle que tendo fugido daquela propriedade agrícola alguns escravos, êles se acoutavam naquêle imovel. Mas, durante uma noite qualquer, inadvertidamente, os fugitivos atizaram fogo para se esquentar; a noite era de junho e muito fria. Mas, coho a turma não era pequena e para não atmar uma grande fogueira, fizeram-na com madeiras apanhadas ali mesmo á beira do mato, em sete círculos pequenos e, acêso, ali ficaram acorados ao seu redor. Foi quando, as pequenas fogueiras despertaram a atenção dos capitães de mato e mais pessoas que estavam á procura dos fugitivos e deram o alarne. A correia foi em todos os sentidos, não haja dúvida. Mas, antes que corressem, foram até ás proximidades de um regato que passa ali mesmo muito perto e, afim de extinguir o fogo das sete fogueiras atiraram água sobre as mesmas afim de apaga-las rapidamente. Foram, no entanto, sete "cônchadas" d'água, apanhadas com as mãos que não deram para acabar de uma vez com o brasileiro...

Como se trata de um número ingrato como é o "sete" ninguém responde, naturalmente, pela descrição do fato que, aliás, não é todo inverossímel. A verdade é que em 1810 já existia fazenda com esse nome de "Sete Quedas" e ficaria mesmo nas proximidades de Jaguariuna atual, tendo essa propriedade, passado, parcialmente, ao Visconde de Indaítuba,

isto em 1860. Em 1845 aparece igualmente um tenente coronel Francisco José de Camargo Andrade, com Engenho de açúcar, nascido mais ou menos em 1809.

Em 27 de fevereiro de 1827 na Matriz de Santa Cruz, dispensados canonicamente e do impedimento do segundo grau de sanguinidade, receberam-se em matrimônio na forma da igreja, Candido Xavier de Camargo, filho legítimo do capitão mor Floriano de Camargo Penteado e de d. Paula Joaquina de Andrade e d. Maria Eleuteria de Campos, filha legítima do alféres José de Campos Penteado e de d. Rita Antônia da Silva, naturais ambos desta Vila.

Temos em seguida Candido José da Silva Serrã, cujo nome se confundeu com o do acima, mas êle assim se declarava quando se casou com essa mesma d. Maria Eleuteria de Campos, o que seria muito possível em virtude das explicações que já expuz aqui nesta história no primeiro volume; era muito comum os afilhados tomarem nomes de padrinhos ou de pessoas que lhes eram muito afeiçoadas. Curioso ou anormal a verdade está escrita em autos antigos.

Tivemos, também, José de Camargo Pais, filho do casal do capitão mor Floriano e d. Paula, que se casou com d. Maria Amarel de Araujo, de Moji-Mirim.

Um filho de Francisco José de Camargo Andrade e de d. Ana Novais de Camargo, Alvaro Xavier nasceu em Campinas em 3 de dezembro de 1839 e faleceu aqui em 16 de fevereiro de 1924, deixando viúva d. Angela Isabel Teixeira de Camargo. Sua fazenda era denominada Pedra Alta. Ficaram dêsse consórcio os filhos — Antônio Ferreira de Camargo Andrade, casado e do segundo casamento d. Guendolina de Camargo do Amaral, casada com Agenor Teixeira de Camargo, moradores em Santos; d. Francisca de Paula Camargo e Silva, viúva; d. Ana Eufrosina de Camargo Nogueira casada com Francisco de Andrade Nogueira; d. Alice de Camargo Penteado, casada com José Ferreira Penteado; Joaquim Teixeira de Camargo, de S. Paulo; d. Maria das Dôres de Camargo Penteado, casada com Jorge Penteado; d. Sebastiana de Camargo, solteira; Ademar Teixeira de Camargo, falecido, deixando de seu casamento com d. Beatriz Archer de Camargo os filhos: Alvaro, Eugênio, Donald, Joseph, Gladys e José Luiz, até ha pouco tempo moradores em Campinas (1956).

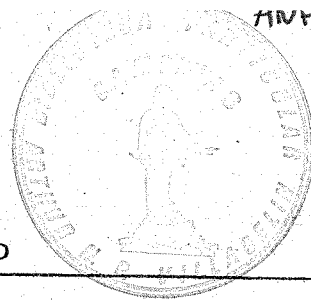
José de Camargo Andrade Novais faleceu em 4 de maio de 1864, com 22 anos de idade, no estado de solteiro, filho do capitão Francisco José de Camargo e de d. Ana de Camargo Penteado, sem sacramentos, por ter morrido renitentamente. Seu batizado foi realizado em Campinas na Ma-

triz de S. Carlos, em 25 de setembro de 1841, quando estava com oito dias de vida, tendo sido seus padrinhos o major Campos Penteado e s/m. d. Ana Francisca de Andrade.

Em seguida colhemos notas respeito da vida do tenente coronel Floriano de Camargo Penteado, que em 1847 foi alféres porta-bandeira do Batalhão de Guardas Nacionais de Campinas... Foi membro do diretório das obras da Matriz Nova mas, ao tempo em que exerceu esse cargo foi obrigado a dêse se afastar em virtude das constantes e frequentes viagens que fazia à sua fazenda situada em Descalvado, sendo nomeado em seu lugar o cidadão Jorge Avelino, em 7 de julho de 1869.

Interessante é que, quando exercia o cargo de vereador eleito, na sessão de 7 de abril de 1863 de nossa Câmara Municipal leu-se um officio em que êle manifestava "sua repugnância para exercer o cargo de vereador" officio esse que fôra dirigido já ha algum tempo áquela casa dos representantes do povo, assim como deixou de comparecer durante 18 mêses às sessões camareiras, apesar das multas que lhes eram applicadas successivamente. Em virtude disso foi lhe concedido o afastamento pretendido, nos termos do aviso de 31 de maio de 1833 e convidado seu suplente a prestar juramento. De extranho nesse fato ocorre que, quando um vereador no século passado, faltava a três ou quatro sessões consecutivas, era substituido quase em seguida pelo seu immediato em votos e, por isso mesmo, não atinamos com esse afastamento de Floriano de Camargo Penteado durante tão largo periodo... Talvez algum motivo político, naturalmente...

Aparece, agora, o tenente-coronel Floriano de Camargo Penteado (?), que faleceu dia primeiro de fevereiro de 1887, entre seis e sete horas da manhã, sendo chefe de numerosa família e muito distinta. Contava 65 anos de idade e morava na chamada rua das Flores (José Paulino). Por ocasião de seu entêro o Clube Republicano de Campinas designou Francisco Glicério, Dario Pompêo de Camargo, Luiz José Pereira de Queiroz, Bento Quirino dos Santos e José Paulino Nogueira para representarem a sociedade nos funerais de seu antigo sócio. Deixou testamento onde declarava ter sido "casado com d. Carolina Miquelina de Andrade, já falecida; tendo dêsse consórcio os seguintes filhos: Elisiário Penteado; Severo Penteado; Austero Penteado; Salustiano de Camargo Penteado; deixava vivos os netos Mario, Dario e Celso, filhos do finado Antônio Candido do Amaral. Foi seu testamenteiro o filho Elisiário e o testamento apresentado em juizo pelo snr. Bento Quirino dos Santos, tendo sido escrito pelo dr. Candido Gonçalves Gomide. Seu casamento fôra realizado em 21 de agosto de 1874 na matriz de Campinas, ás 5 horas da tarde, servindo de testemu-



nhas: Francisco José de Camargo, capitão e o ajudante Alvaro Xavier de Camargo, o nubente filho legítimo do capitão Elisiário de Camargo Andrade e de d. Joaquina de Campos Penteado e ela d. Carolina Miquelina de Andrade, filha do tenente Antônio Francisco de Camargo e d. Ana de Campos Paes, ambos desta paróquia.

D. Paula Joaquina de Andrade — mulher do capitão mor agregado, teve seu inventário requerido em 18 de outubro de 1830, deixando viuvo o capitão e seus filhos e herdeiros — capitão Elzeário de Camargo Andrade; capitão Francisco José de Camargo Andrade; Alvaro Xavier de Camargo Andrade, José de Camargo Paes; o tenente Antônio Francisco de Camargo Andrade; Felipe Néri de Camargo; Candido José da Silva Serra; d. Ana Francisca de Camargo Andrade e seus genros o alferes José de Campos Penteado, casado com d. Rita; Joaquim Ferreira de Camargo, casado com Francisca; era o casal proprietário da Fazenda Duas Pontes, avaliada naquele ano por 12:000\$000; o Engenho e sítio da Ponte Alta, avaliado por 9:400\$000; o Engenho de São Bento, avaliado por 8:800\$000; o engenho do Sertão por 3:400\$000, do qual era sócio o herdeiro Francisco José, capitão; a fazenda Cachoeira, da qual era sócio Candido José, por 1:600\$000; o Engenho do Jaguarí, sócio Alvaro Xavier, por 1:200\$000; fazenda das Cabras, avaliada por 2:400\$000 e duas moradas de casas, avaliadas por 2:400\$000 casas essas situadas "junto à igreja". Por aqui se conclue que, efetivamente, o capitão mor visitado por Saint Hilaire fôra, evidentemente o "agregado" Floriano de Camargo Penteado. Si não transcrevi êste documento antes, foi porque durante o desenrolar da história de Campinas procuro fazê-la com a maior observância de ordem cronológica. Afinal o monte mór do inventário de d. Paula foi de 141:298\$082 quantia considerável para aquêlo tempo.

E, quanto ao capitão mor, faleceu êle em 12 de Fevereiro de 1838, também deixando fortuna mais do que regular.

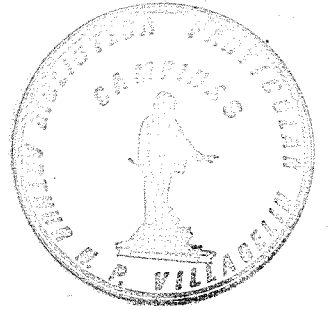
O seu nome numa rua da cidade, está perpetuado, homenageando-se uma das grandes personagens do passado campineiro e não deve ser confundido com a "Rua Camargo Penteado", existente no Jardim Guanabara, homenagem que se prestou a seu irmão o alferes Antônio de Camargo Penteado, Juiz Ordinário na antiga Vila de São Carlos, em 1798.

É muito natural que muitos destes nomes que já aqui adiantamos até em nosso século XX apareçam no desenvolvimento de nossa história. Não pretendíamos separa-los do tronco originário que se desenvolveu em terras da cidade.

(Cópia xerográfica das páginas 45 a 54 do Volume 42, da "História da Cidade de Campinas", de autoria do historiador campineiro Jolumá Brito, pseudônimo de João Batista de Sá, editada pela Editôra Saraiva, de São Paulo, em 1957)

DIÁRIO DO POVO

DOMINGO, 31 DE MARÇO DE 1956



E. P. M. "Prof. Celso de Zink"
Cam. Municipal de Campinas



FLORIANO DE CAMARGO PENTEADO — RUA

Começa na Avenida Saudade e termina na rua da Abolição, na CHA'CARA VIEIRA.

A primeira denominação foi dada pelo decreto numero 92 de 13 de março de 1945, revogada pelo Decreto numero 94, de 16 de maio de 1945. A denominação definitiva foi dada pelo Decreto-Lei, n.º 311 de 13 de novembro de 1945. Tem 13 metros de largura.

Dados Biográficos: Floriano de Camargo Penteado nasceu na Vila de Nossa Senhora do Montesserrate da Cotia, provavelmente em 1768 e faleceu na Vila de S. Carlos (Campinas), aos 12 de fevereiro de 1838, aos 70 anos de idade. Era filho do Capitão José de Camargo Paes e de dona Bárbara Paes de Barros.

Sobre a personalidade de Floriano de Camargo Penteado, conta-nos a Comissão Especial do Centro de Ciências, Letras e Artes, de Campinas, constituída dos Srs. Dr. Celso da Silveira Rezende, professor Celso Ferraz de Camargo e João Batista Brito de Sá (Jolyna Brito): "... Já residia na Freguesia de Campinas, antes desta ser elevada a Vila de São Carlos, tanto que seu nome figurou na lista dos "homens bons", de 1797, que podiam desempenhar cargos municipais. Foi Juiz Ordinário, em 1806 e 1809.

O sargento-Mor Floriano de Camargo Penteado muito se dedicou à construção do nosso grandioso templo, a Matriz Nova. Fez parte da assembléia de fundação da Matriz Nova, de 6 de outubro de 1807, em que tomaram parte mais 38 homens notáveis da vila. Em 1812, na sessão da Camara, de 27 de dezembro foi nomeado para o cargo de Tesoureiro do Diretório da Matriz Nova. Em 1827 quando os notáveis da Vila se reuniram, para reiniciar as obras do templo, o Capitão-Mór Floriano foi nomeado "Coletor-esmoler", juntamente com o Capitão Francisco de Paula Camargo (1.º) e Antônio Pompêo de Camargo.

Por ocasião dos sucessos da Independência do Brasil, nos agitados dias de 1822, o Capitão-Mór, agregado Floriano de Camargo Penteado presidiu a uma das sessões da Camara da Vila de S. Carlos (Campinas). Tomou êle, igualmente, parte na celebração da aclamação de D. Pedro I, realizada na Matriz Velha em 12 de outubro de 1822, e foi um dos signatários do respectivo termo.

Ao falecer, deixou grande fortuna. Vinte anos antes dessa ocorrência, — quando aqui esteve Luiz d'Alincourt, — já era êle possuidor de 12 engenhos de açúcar, com uma produção de 80 mil arrobas..."

Alaôr Malta Guimarães

*